

CAROLINA MARIA DE JESUS: A FORÇA DE UMA ESCRITORA MARGINAL

JARABIZA, Criselen¹; OLIVEIRA Gustavo Rangel²; ALVES, Carla Rosane da Silva
Tavares³

Palavras- Chave: Carolina Maria de Jesus. Gênero. Escritora marginal. Literatura.

INTRODUÇÃO

Inserido na linha de pesquisa de Linguagem, comunicação e sociedade, o presente texto sintetiza um trabalho realizado na disciplina de Representações Culturais: Literatura e Cinema, do Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ, tendo por objetivo oferecer uma visão acerca da vida e obra de Carolina Maria de Jesus, uma escritora pouco conhecida pelo público.

Para essa discussão, resgata-se, inicialmente, a compreensão de literatura como prática sociocultural, dado a ligação literatura-escritor-sociedade, como uma prática de uma época socialmente situada. Assim, a literatura traz à tona reflexões em torno de temáticas que perpassam as diversidades, minorias, identidades e gênero (ênfase deste texto), dentre outras. Carolina Maria de Jesus, escritora negra, ultrapassou as barreiras impostas ao gênero feminino ao adentrar no seletto mundo literário, mesmo com pouca instrução, pois estudou somente até o segundo ano. Na história das mulheres, no Brasil, Telles (1997, p. 406) destaca: “A situação de ignorância em que se pretende manter as mulheres é responsável pelas dificuldades que encontra na vida e cria um círculo vicioso, como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública e não recebe instrução porque não participa dela”.

Vivendo na favela, a escritora estava à margem da sociedade produtora de bens culturais, enfrentava sua realidade lendo e escrevendo, quebrando paradigmas socialmente impostos a sua condição.

¹ Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Membro discente do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação. E-mail: crysbiblio@yahoo.com.br

² Mestrando em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). E-mail: gustavorangel703@gmail.com

³ Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Líder do GEPELC. Orientadora da pesquisa E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

METODOLOGIA E/OU MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica de revisão de literatura, buscando refletir e demonstrar a força literária de uma escritora brasileira negra, solteira e favelada, que transcende as barreiras do preconceito, luta pela sobrevivência e por seu lugar em meio à sociedade de São Paulo, nos anos 50.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De origem humilde, Carolina nasceu no ano de 1914 em Sacramento-MG, foi morar em São Paulo, no ano de 1947; inicialmente trabalhou como empregada doméstica e, posteriormente, foi despejada das habitações coletivas, passando a residir em um barraco na favela do Canindé, aonde, para sobreviver e sustentar seus três filhos, catava materiais recicláveis e, nos momentos vagos, escrevia poesias, provérbios, romances e o dia a dia na favela. A escritora alcança grande expressão em 1960, quando é lançado seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. A obra literária testemunhal é organizada pelo repórter Audálio Dantas, por meio de vinte cadernos, nos quais Carolina retrata o dia a dia, na favela do Canindé em São Paulo e a luta diária dos favelados pela sobrevivência.

O livro de Carolina, de uma originalidade genuína, alcançando grande sucesso editorial, foi editado em 40 países, traduzido para 13 línguas e alcançou uma vendagem surpreendente, para a época, de 100 mil cópias, pois até então nunca se tinha um relato tão fiel ao cotidiano da favela, transcendendo sua condição de mulher solteira, negra e favelada. De acordo com Telles:

Tal qual um Deus Pai que criou o mundo e nomeou as coisas, o artista torna-se progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente outro, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria. Demônio ou bruxa, anjo ou fada, ela é mediadora entre o artista e o desconhecido, instruindo-o em degradação ou exalando pureza. É musa ou criatura, nunca criadora. (TELLES, 1997, p. 403).

Em estudo sobre a obra, percebeu-se muito bem a fissura de identidade que Carolina carrega, onde ela é mostrada ao mesmo tempo inserida e desajustada em seu ambiente social:

De um lado, a autora pertence ao mundo que narra e cujo conteúdo de fome e privação compartilha com o meio social em que vive. Do outro, ao transformar a experiência real da miséria na experiência linguística [sic] do diário, acaba por se distinguir de si mesma e por apresentar a escritura como uma forma de experimentação social nova, capaz de acenar-lhe com a esperança de romper o cerco da economia de sobrevivência que tranca sua vida ao dia-a-dia [sic] do dinheiro-coisa (VOGT, 1983, p.210).

Carolina é uma escritora testemunhal, que não teme os poderosos, em vários trechos de suas obras opina sobre política, inclusive citando nomes, mulher dotada de extrema coragem, jamais se resignando às condições impostas a sua classe social. Foucault (1999, p.10) afirma que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar”. Em um dia em que não conseguia dormir devido à fome, Carolina escreve o trecho de denúncia social:

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: - “Não chores por mim. Choraes [sic] por vós” – suas palavras profetizava [sic] o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Pena do que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome (JESUS, 2007, p.117).

É uma escrita de resistência às precárias condições de vida, fome, miséria, a situação de trabalhar exaustivamente e não ter o suficiente para comprar mantimentos, é a busca da integridade mental, é a denúncia social contra as mazelas que vivia. Como relata no livro *Quarto de despejo*:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários (JESUS, 2007, p.117).

Após todo sucesso editorial do primeiro livro, Carolina sai da favela com os recursos advindos das vendas do livro e, apesar de sua profícua produção editorial com outros livros, como: *Casa de Alvenaria*, *Pedaços de Fome* e *Provérbios*, a escritora morre pobre em um sítio, no interior de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é uma manifestação artística e uma prática sociocultural de fundamental importância na vida dos indivíduos. A escritora Carolina Maria de Jesus serve como

referência, pois sendo uma mulher negra e pobre, pertencia a uma classe desfavorecida, que sofria preconceito. Suas obras abordam problemas sociais, políticos e econômicos com uma sagacidade de grandes escritores.

A identidade foi se afirmando com o tempo e, por meio da literatura, Carolina mostrou que poderia modificar a sua realidade, dando voz aos esquecidos, marginalizados, fazendo uma denúncia social das condições dos brasileiros que residem na favela. *Quarto de Despejo* é um livro referência sobre as favelas; a autora pretendia que se extinguissem as favelas e as pessoas tivessem uma condição de vida digna, mas infelizmente essa realidade não foi modificada, pois hoje existem no Brasil muito mais favelas que na década de 50.

A sua história de vida só teve êxito devido ao seu protagonismo feminino em conseguir mostrar e denunciar a realidade da comunidade em que vivia, por meio das palavras que ela conseguiu comunicar através de seus livros. Carolina Maria de Jesus não só mostrou a importância que a literatura exerceu na sua época, na sua vida, mas também retratou da forma mais fiel a realidade da favela, denunciando tudo que lhe incomodava: questões políticas, de gênero e a própria miséria em que vivia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.